



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7674 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 16 - Educação e Comunicação

COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS EXIGIDAS DO PROFESSOR EM TEMPO DE PANDEMIA

Helio Cleidilson de Oliveira Sena - UNISINOS/PPGE - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Marcela Clarissa Damasceno Rangel de Farias - UNISINOS/PPGE - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS EXIGIDAS DO PROFESSOR EM TEMPO DE PANDEMIA

A pandemia fez com que as escolas se adaptassem a essa nova realidade de isolamento social e que mergulhassem com maior intensidade nesse mundo digital, buscando o desenvolvimento, em sua equipe de professores, de competências e habilidades profissionais na área digital para atender a essas demandas – o que precisa ser problematizado, na medida em que afeta o profissionalismo docente. Assim, é preciso problematizar como a pandemia tem sido porta de entrada, mais uma vez, para parcerias empresariais na escola, propondo “soluções *delivery*” e reafirmando a noção de competências, presente na BNCC, e a de competências profissionais, presente na BNCC-Formação, dentro da lógica de formação instrumental para o mercado de trabalho.

Considerando esse contexto, fizemos uma análise da BNC-Formação no tocante às competências profissionais digitais que passam a ser exigidas do professor. O procedimento metodológico utilizado foi a análise documental, sendo os documentos por nós compreendidos como monumentos (LE GOFF, 1996), precisando ser “desmontados” para melhor entendermos como está sendo constituída essa relação da educação com as transformações digitais nas mais diversas formas de ensinar e aprender.

As reformas educacionais neoliberais das últimas décadas atuam não só no nível da escola, mas em todo o sistema, repercutindo em mudanças na natureza do trabalho escolar e nos trabalhadores docentes. É preciso analisar seu contexto e efeitos que terão no trabalho e no profissionalismo docentes. O neoliberalismo tem provocado intensas modificações na sociedade, ao cunhar uma nova racionalidade e novos modos de ser e de estar no mundo; e, a partir dele, “[...] a inovação e o empreendedorismo passam a ser imperativos do nosso tempo, pois possibilitam que o jogo neoliberal funcione a partir da maximização da produtividade dos sujeitos e das instituições” (KLAUS, 2017, p. 358).

Nesse contexto de reforma, a educação passa por transformações que remetem a um novo agenciamento, educativo-empresarial, que opera a partir da articulação entre o desempenho (*performance*), a gestão (*management*), o imperativo de visibilidade-transparência e as novas tecnologias da informação e da comunicação (GADELHA, 2017).

Essas reformas, fundamentadas na lógica da competitividade e da performatividade, pressionam as escolas a padronizarem métodos e conteúdos para o gerenciamento através de técnicas empresariais e para a profissionalização dos professores a partir de competências profissionais gerenciais.

Segundo Ball *et al.* (2013), esse processo, considerado num contexto de um discurso que promove a educação funcional para as demandas da economia global, tem modificado não só o currículo, mas também o modo como pensamos a escolarização, a identidade e o profissionalismo docentes. A racionalidade neoliberal, especialmente na pandemia, passa a operar no cerne da atividade do professor, em uma ordem cada vez mais prática, influenciando orientações didáticas, planejamentos e objetivos de ensino, numa busca de práticas pedagógicas inovadoras e atrativas para o aluno (DAL'IGNA; SCHERER; SILVA, 2018), sendo-lhe exigidas competências profissionais, especialmente digitais, para que continue atuando.

Desta forma, os professores, que são acusados de não estarem preparados para formar sujeitos aptos para o século XXI, são obrigados, para garantir a sua empregabilidade, a se tornarem “*youtubers*”, editores de vídeo, sentindo-se pessoalmente responsáveis por envolver seus alunos em casa para que aprendam – e, para isso, acreditam que precisam investir em formação para atender a essas necessidades. Segundo essa lógica, o que é valorizado como prática profissional concerne à satisfação de critérios e índices impostos a partir de fora; e seu capital é dado pelas competências que o docente tem demonstrado nesse momento. “[...] as competências, as habilidades e as aptidões de um indivíduo qualquer constituem [...] seu capital; mais do que isso, é esse mesmo indivíduo que se vê induzido, sob essa lógica, a tomar a si mesmo como um capital, a entreter consigo [...]”. (GADELHA, 2009, p. 177).

A revolução digital que teve início com a Web 2.0 proporcionou a participação, a criatividade e a autonomia dos seus consumidores. Dessa forma, na perspectiva de um ensino voltado para uma cultura social, as tecnologias digitais são vistas como articuladoras dos saberes com a prática social. Esse novo mundo globalizado tem proporcionado uma enorme rede de comunicação e socialização de conteúdos dos mais diversos tipos; os saberes são construídos e trocados através da comunicação síncrona e assíncrona, que vão desde o conhecimento espontâneo ao conhecimento científico. Para Moreira e Monteiro, com os avanços rápidos, no século XXI, das redes sociais e dos ambientes abertos, incluindo-se a criação e expansão dos “recursos, cursos e eventos abertos em larga escala, os estudos sobre ‘coaprendizagem’ têm-se focado, sobretudo, na aprendizagem colaborativa aberta em espaços ubíquos, nos quais são integrados *interfaces* digitais em contextos reais.” (MOREIRA; MONTEIRO, 2015, p. 384).

Na perspectiva da educação e transformação digital, as competências digitais têm se destacado nesse momento de isolamento social, dentro de uma temática relevante nessa era da comunicação em rede, que trouxe muitas mudanças no mundo do trabalho e também nas formas de relacionamento na sociedade dos indivíduos. Isso tem influenciado consideravelmente as transformações na educação, especificamente no processo de ensino e aprendizagem, fazendo com que os profissionais busquem constantemente capacitações e formações focadas nas questões pedagógicas de cunho digital.

A pandemia fez com que as escolas se adaptassem a essa nova realidade de isolamento social e que mergulhassem, com maior intensidade, nesse mundo digital, buscando o desenvolvimento, em sua equipe de professores, de competências e habilidades profissionais na área digital para atender a essas demandas – o que precisa ser problematizado, na medida em que afeta o profissionalismo docente. Assim, é preciso discutir como a pandemia tem sido porta de entrada, mais uma vez, para parcerias empresariais na escola, propondo “soluções

delivery” e reafirmando a noção de competências, presente na BNCC, e a de competências profissionais, presente na BNCC-Formação, dentro da lógica de formação instrumental para o mercado de trabalho.

Palavras-chave: Educação digital. Reformas educacionais. Transformações digitais. BNCC.

REFERÊNCIAS

- BALL, S. J. *et al.* A constituição da subjetividade docente no Brasil: um contexto global. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 46, n. 32, p. 9-36, maio/ago. 2013.
- DAL’IGNA, M. C.; SCHERER, R. P.; SILVA, J. Docência S/A: gênero e flexibilidade em tempos de educação customizada. In: FABRIS, E. T. H.; DAL’IGNA, M. C.; SILVA, R. R. D. (orgs.). *Modos de ser docente no Brasil contemporâneo: articulações entre pesquisa e formação*. São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 53-74.
- GADELHA, S. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 2, n. 32, p. 171-186, maio/ago. 2009.
- GADELHA, S. Desempenho, gestão, visibilidade e tecnologias como vetores estratégicos... *Educar em Revista*, Curitiba, v. 33, n. 66, p. 113-139, out./dez. 2017.
- KLAUS, V. Empresariamento da educação em tempos de capitalismo flexível: análise de parcerias escola/empresa no RS. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 21, n. 3, set./dez. p. 345-355, 2017.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- MOREIRA, J. A.; MONTEIRO, A. M. R. Formação e ferramentas colaborativas para a docência na web social. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 15, n. 45, jul. 2015. p. 379-397. DOI: <http://dx.doi.org/10.7213/dialogo.educ.15.045.DS01>